

DE REPENTE, TRINTA!

Eliane Candido

Pedagoga, Especialista em Mídias na Educação, idealizadora do festival estudantil São Léo em Cine da cidade de São Leopoldo, coordenadora do 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil. Contato: eliane.candido21@gmail.com

RESUMO

Este relato mantém a estrutura central de um memorial, pois conta, resumidamente, a trajetória profissional e acadêmica de uma professora que ingressa na rede municipal da cidade de São Leopoldo-RS nos anos oitenta e depara-se com inúmeros desafios pelo caminho. A solução que encontra para amenizar a disparidade entre a teoria e a prática é acompanhar o desenvolvimento social e multicultural da sociedade e seus indivíduos através de estudos, mudanças, superação e olhar atento às vivências dos educandos. Vários momentos foram significativos neste percurso, porém vamos nos aprofundar aos fatos que ocorreram quase trinta anos depois. A mesma passa a dar vez e voz aos seus alunos por meio da produção de vídeos no contexto escolar até chegar a criação e coordenação de um dos maiores festivais de vídeo estudantil do estado do Rio Grande do Sul, o São Léo em Cine. O festival foi amparado por lei e acontecerá anualmente no mês de outubro na cidade de São Leopoldo. Atualmente, a professora está auxiliando na coordenação do segundo Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil, desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Unisinos e Secretaria Municipal de Educação da cidade supracitada.

COMO NUM PISCAR DE OLHOS

Os anos passam rapidamente que muitas vezes nem os sentimos! Mas todas as sensações vividas contribuíram para definir meu perfil profissional e o posicionamento questionador frente a novos desafios. A von-

tade de ser professora, de ensinar e aprender junto com meus alunos nasceu já nos primeiros anos de escola e, aos dez anos de idade, tinha certeza da profissão que ia seguir mesmo dona de uma timidez avassaladora.

Por ter minhas raízes constituídas em uma família de nível sócio econômico baixo, esse desejo de ser professora exigiu perseverança de meus pais em buscar recursos financeiros. Conseguiram uma bolsa de estudos para a escola particular, na época, era a única que oferecia Curso Normal!. O primeiro desafio consistia em não reprovar de ano sob a penalidade de perder a bolsa e o segundo foi superar a timidez que me impedia de falar ou ler em público.

Com muita força de vontade e dedicação me formei em dezembro de 1982 e em março de 1983 ingressei na rede municipal de São Leopoldo onde atuei até 2017. Tinha pela frente um grande desafio a ser enfrentado em minha primeira experiência profissional: alfabetizar alunos em uma comunidade extremamente carente.

A formação inicial me dava pouquíssimos subsídios teóricos e práticos para tamanho compromisso de ensinar a ler e escrever. Para dar conta desta demanda proporcionei atividades diferenciadas que pudessem contribuir nas aprendizagens dos educandos e investi na formação continuada para aperfeiçoamento das aulas. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer o curso de Estudos Adicionais – Especialização em Alfabetização, bem como outros cursos, fóruns, congressos e seminários sobre temas vigentes: oratória,

alfabetização, fracasso escolar, multirrepetência, construtivismo, informática na escola, diversidade, aspectos sociais, econômicos, culturais, psicológicos, afetivos e cognitivos, entre outros.

Segundo Nóvoa (1995):

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores e a autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional, que participem como protagonista na implementação das políticas educativas. (NÓVOA, 1995, p. 27).

Ao longo dos anos o despreparo profissional foi dando lugar a superação, a confiança, a aquisição de outros saberes, novos desafios e novas aprendizagens, enquanto a timidez foi assumindo uma postura mais dialógica, interativa e destemida.

Com o intuito de qualificação pessoal e profissional ingressei na universidade no curso de Pedagogia com ênfase em Administração e Supervisão Escolar. Neste espaço pude reafirmar minha concepção sobre a importância de atualização constante, de conhecer a realidade do aluno, das tecnologias na prática educativa e o encantamento que elas causam na vida daqueles que as utilizam.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão presentes no dia a dia das pessoas, seja como entretenimento, ferramenta de apoio, buscas e trocas ou na otimização do tempo.

Corroborando Peruzzo (2002):

O avanço das tecnologias de informação e comunicação [...] vêm contribuindo para a ocorrência de um acelerado processo de mudanças no mundo atual. Entre elas alteram-se as noções de tempo e de espaço na vida social. (PERUZZO, 2002, p. 5).

Segundo a referida autora, transformações aceleradas vêm ocorrendo no comportamento humano, tanto social como profissionalmente, bem como nas suas relações com o meio.

Nos bancos acadêmicos discutimos as grandes dificuldades do contexto escolar e algumas soluções possíveis, mas também lemos e ouvimos outras tantas palavras sem esperanças de melhorias. No entendimento daquela época, concluí que a educação nesse país não era algo fácil, tampouco uma prioridade, que precisávamos de muitas horas de estudos e reflexões, que a valorização vem de dentro para fora e que muitas alterações somente iriam acontecer quando mudanças de atitudes, posturas e técnicas surgissem por acreditarmos que nossos ideais poderiam fazer

a diferença na vida de nossos alunos.

Deste modo, mesmo atento as dificuldades e limitações dos processos formativos e do exercício profissional dos docentes, é preciso manter a esperança nas possibilidades de mudanças, como frisa Freire (1996): *[...] me parece uma contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, 1996, p. 73).*

É essa esperança que deve motivar, colocar no palco de discussões e nas pesquisas em educação a necessidade de repensar a formação de professores, considerando a complexidade do ser humano.

Outro momento desafiador e marcante foi quando participei do “Projeto ABC de Verão” na cidade de Novo Hamburgo que tinha por objetivo alfabetizar alunos que não conseguiram aprender a ler e escrever durante o ano letivo. Este projeto ocorria no mês de janeiro e numa “escola polo” que atendia todos os alunos daquela região.

Ser coordenadora do Polo de Lomba Grande foi um trabalho muito gratificante do qual tive a oportunidade de acompanhar

e orientar todas as atividades dos alunos e professores. Dos vários polos espalhados pelo município, o de Lomba Grande obteve o maior índice de aprovação, pois conseguimos alfabetizar 75% dos alunos que, teoricamente, estavam condenados a repetirem o ano. Obtive o reconhecimento dos alunos, pais, professores, diretoras das escolas locais, da Secretaria Municipal de Educação (SMED) da referida cidade e, por consequência, recebi várias propostas para trabalhar como coordenadora/supervisora escolar.

No 2º Fórum Municipal de Educação promovido pela SMED de Novo Hamburgo fui convidada a compartilhar a experiência bem sucedida do projeto, explicando a “receita” utilizada para fazer com que a maioria das crianças aprendessem a ler e escrever em um mês de aula. Digo a vocês o que respondi na época: não existem receitas prontas quando se trata de seres humanos. Observamos suas vivências, carências e necessidades para ofertarmos momentos envolventes, através do afeto, de um olhar sensível e otimista, além de uma diversidade de recursos lúdicos e tecnológicos a fim de estimular a curiosidade e o prazer de aprender. O acolhimento e carinho recebidos, bem como o contato que eles tiveram com o mundo da leitura e suas diversas formas de expressão contribuíram significativamente para alcançar seus objetivos.

Segundo Lima (2010) a afetividade é uma ferramenta poderosa nos seres humanos, pois ela propicia as inter-relações entre os pares e com o meio onde estão inseridos. Nessa interação os sujeitos vivenciam as emoções, ou seja, reagem afetivamente aos acontecimentos. O afeto é mobilizador e contagiante ao ponto de “[...] afetar o outro a partir de comportamentos, sentimentos e reações” (LIMA, 2010, p. 53).

Sentindo-me ainda mais motivada, criei um projeto de trabalho e pesquisa associada à sala de informática e desenvolvi com meus alunos da terceira série (atualmente, quarto ano do ensino fundamental) que, modéstia a parte, foi um sucesso na escola, no bairro, no município, no estado e no Chile.

Eu e minha colega de informática nos inscrevemos para participar do XV Encontro Internacional de Educação – MERCOSUL, CONESUL e Países Associados, que ocorreria no Chile. Para nossa surpresa fomos a única dupla do RS a ser selecionada para apresentar nosso trabalho de “Informática Integrada a Sala de Aula”, mostrando outras fontes e instrumentos de aprendizagens, que vão muito além do quadro e giz, do caderno e lápis. Corroborando Petrus (2003) quando diz que “Reduzir a ‘educação’ a ‘educação escolar’ é ver apenas uma parte da realidade [...] da mesma maneira que existem outros métodos, além de

didáticos, a educação não pode se reduzir à educação formal". (PETRUS, 2003, p.120).

Incentivada por esta experiência surgiu o grande interesse em fazer uma pós-graduação na área, mas não havia nada que me chamava a atenção. Três anos se passaram quando vi o edital da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para curso de Especialização em Mídias na Educação e me inscrevi.

Durante um ano e meio tive contato com vários professores do curso e suas disciplinas desafiadoras e empolgantes. Vivenciei, pratiquei, brinquei e trabalhei com ferramentas que jamais imaginava que poderiam existir. Foi paixão a primeira vista! Se antes, algumas mídias já faziam parte do meu dia a dia, daquele momento em diante elas passaram a viver em mim!

Levei para a sala de aula todos os conhecimentos aprendidos e o resultado foi gratificante para todos. Aprendemos a utilizar várias mídias de forma pedagógica, tais como: fazer fotos e vídeos no celular, baixá-los para o computador, criar jogos e ambientes virtuais interativos, usar editores de imagens e vídeos para qualificar nossas produções, produzir minidocumentários com recursos de imagem fixa e/ou em movimento, gravar narração de voz e arrumá-la em editor de áudio, interagir com outras turmas e compartilhar nossas descobertas na internet.

Kampff (2006) ressalta que:

Em uma sociedade de bases tecnológicas, com mudanças contínuas e em ritmo acelerado, não é mais possível ignorar as alterações que as tecnologias provocam na forma como as pessoas veem e aprendem o mundo, nem desprezar o potencial pedagógico que tais tecnologias apresentam quando incorporadas à educação. (KAMPFF, 2006, p. 12).

Sendo assim, passei a trabalhar no Laboratório de Informática, no turno da tarde, atendendo os alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e, à noite, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Todas as turmas vinham acompanhadas de seus professores. Portanto, durante a semana na hora atividade de cada professor, nós planejávamos a próxima aula no laboratório trocando ideias e sugerindo atividades.

Durante este período, incentivei vários alunos e professores na produção de vídeos estudantis, orientei alguns vídeos como diretora geral e outras vezes auxiliei a professora Andréa Rodrigues em suas produções com os alunos da EJA. No final daquele ano tivemos diversos trabalhos realizados pelos professores e exibidos na "1ª Mostra Estudantil de Cinema e Teatro" da EMEF João Belchior Marques Goulart.

No ano seguinte, eu e a colega Andréa

criamos um projeto escolar intitulado "Oficina de Cinema" e buscamos a parceria da UFPel, através do professor Josias Pereira. A oficina tinha como objetivo a produção de vídeo estudantil com a utilização de diversas mídias, visando resgatar a identidade, autoestima, princípios e valores, reflexão sobre temas do cotidiano e do mundo.

Segundo Pereira (2008), professor da Faculdade de Cinema da UFPel, um projeto cinematográfico bem embasado contribui para a mobilização e motivação da comunidade escolar na medida em que vão desenvolvendo diversos gêneros textuais e audiovisuais, bem como atividades pedagógicas vinculadas ao currículo.

Aproveito este espaço para agradecer a Equipe Diretiva da EMEF João Goulart (2011-2016), em destaque ao diretor Claudio Celso Hatje pelo apoio, credibilidade e confiança nesse projeto, bem como ao professor Josias Pereira pelo suporte teórico, prático e pedagógico do mesmo.

Passado dois anos criei um projeto em nível municipal e apresentei ao Secretário de Educação, Arthur Schmidt, atualmente vereador de São Leopoldo. Durante a apresentação e argumentação percebi que seus olhos brilhavam e que ele estava aberto a mudanças tecnológicas. Quando terminei trocamos várias ideias e experiências pessoais e pedagógicas

que viriam a complementar ainda mais o projeto. Ao final dessa reunião recebi o convite para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação e colocar em prática essa criação.

Foi assim que surgiu o 'São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil' com o objetivo de compreender as relações existentes entre a didática e as produções audiovisuais nas múltiplas áreas do conhecimento, oportunizando a construção de curtas-metragens como um recurso capaz de instigar, estimular e ampliar várias aprendizagens e vivências do cotidiano escolar e para além dele. O festival também contou com o grande apoio da UFPel e do Cinesystem Cinemas, espaço no qual os vídeos foram exibidos, além de outros parceiros que fizeram dele um sucesso.

Através da Lei 8597, promulgada em 23 de maio de 2017, o festival teve amparo legal e foi incluso no calendário de eventos municipais. A lei proposta pelo vereador Arthur Schmidt foi aprovada por unanimidade pelos demais vereadores da casa legislativa. Portanto, em outubro desse ano teremos a terceira edição do festival e esperamos que siga incentivando novas aprendizagens por muitos e muitos anos.

Com a mudança de gestores, através das eleições municipais, novos integrantes compuseram as secretarias e, conseqüentemente, os projetos e ações da cidade. Sendo

assim, não faço mais parte da coordenação do festival, porém fico orgulhosa pela continuidade do mesmo e feliz que os alunos e professores de São Leopoldo poderão usufruir e ampliar aprendizagens que outrora idealizei e desenvolvi com muito carinho e dedicação.

E, de repente, trinta anos se passaram! Nesses anos, inúmeras sementes foram plantadas e colhidas ao longo do caminho e outras tantas foram compartilhadas e multiplicadas. Pequenas ideias que foram transformadas em grandes ações e ótimos resultados. É isso que nos faz crescer e amar ainda mais aquilo que fazemos!

No decorrer desses anos muitas tristezas e angústias nos acompanharam e por vezes tivemos passar por cima das adversidades, erguendo a cabeça e seguindo em frente com esperança de dias melhores. Caso o contrário poderíamos nos juntar aqueles que passam a vida reclamando do ofício que escolheram, mas não movem uma palha para cruzar os obstáculos. O rancor e a decepção deixam os fracos paralisados e apenas lhes restam culpar o sistema, os governantes, a sociedade pelo fracasso profissional e educacional.

Nesse sentido, Cury (2003) deixa um alerta aos educadores:

Não seja um perito em criticar comportamentos inadequados, seja um perito em fazer seus alunos refletirem. Às vezes, insistimos durante

anos dizendo as mesmas coisas e os jovens continuam repetindo os mesmos erros. Eles são teimosos e nós estúpidos [...] educar não é repetir palavras, educar é encantar, [...] é acreditar na vida mesmo que derramemos lágrimas, [...] é ter esperança no futuro [...] é ser garimpeiro que procura os tesouros do coração. (CURY, 2003, p. 25).

Muitos podem dizer que os ventos sopraram a meu favor. Não. Nada foi fácil para mim. Tive que buscar o reconhecimento começando por ações pequenas de sala de aula que eu acreditava ser o melhor. É preciso ter coragem para sair da mesmice e experimentar algo novo. Sempre andei, seja a favor ou contra os ventos, mas nunca fiquei parada no mesmo lugar por muito tempo. Aproveitei cada oportunidade como se fosse a última, sempre com extremo cuidado e ética para tratar o meu semelhante da mesma maneira como gostaria de ser tratada.

Durante esses trinta anos que transcorreram como num piscar de olhos, trabalhei em quase todos os espaços escolares. Não recusei uma proposta que julgava ser importante, que me faria crescer, aprender novas competências e que me desse a possibilidade de ver as coisas por outro ângulo. Atuei em todas as séries/anos, na biblioteca, no laboratório de informática, nos projetos, nas aulas de reforço,

fui regente de turma, regente 2, professora da EJA, secretária escolar, coordenadora e vice-diretora. Apenas não atuei na Educação Infantil e como professora substituta.

A partir de abril de 2017, mesmo estando na condição de aposentada, percebo que o mundo e as oportunidades não cessam. E nem quero que terminem! Atualmente, com novas tarefas profissionais, procuro distribuir e aproveitar melhor o tempo. Tempo para a família, amigos, estudos, viagens, gente nova, cultura, educação, arte e produção audiovisual. Sei que ainda tenho muito a contribuir para educação, porque um cérebro em atividade constante não envelhece jamais!

Diferente de computadores, o cérebro não tem capacidade limite de memória. Quanto mais você aprende e proporciona trocas de informações maior capacidade ele terá para fazer novas conexões, o que aumentará seu espaço de armazenamento. Segundo Herculano² (2009), longe do estresse diário e uma boa noite de sono são alguns dos fatores que contribuem para mantermos o nosso cérebro em ótimo funcionamento. É durante o sono, que nossa versão HD do cérebro, faz uma faxina e se atualiza para no dia seguinte receber novas informações.

Herculano (2009) acrescenta:
Quanto mais se usa o cérebro, melhor e mais saudável ele se torna; manter-se lendo, estu-

dando, pensando, brincando e entrando em contato com novidades contribui para permanecer com as funções cerebrais “azeitadas” em todas as idades; atividades de lazer e combate ao sedentarismo são fundamentais para a saúde do corpo e da mente. (HERCULANO, 2009, p.01).


Diante dos fatos e da necessidade inter-relacional desejo fazer outras especializações para aprofundar os estudos na produção de vídeo estudantil a fim de levar esses conhecimentos e pesquisas a outros espaços e ao maior número de pessoas possíveis, pois sinto um prazer enorme em contribuir com significativas mudanças educacionais.

Dessa forma, aceitei o convite do professor Josias Pereira (UFPEl) para trabalharmos juntos na coordenação do 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil. Mais uma oportunidade de aprendizagens múltiplas, de vivenciar momentos enriquecedores junto a colegas professores, alunos, amigos e convidados que compartilham da mesma paixão: fazer vídeo estudantil.

Atualmente, me sinto mais apaixonada pela Educação do que aos dezoito anos de idade. Embora havia uma certa expectativa e ansiedade para dar início a profissão e com a cabeça repleta de ideias a serem colocadas em prática, eu não tinha noção de quantas

dificuldades encontraria nessa trajetória, tampouco o leque de possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Sendo assim, faço das palavras de Freire (1996), as minhas:

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minhas relações com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 1996, p. 134).

Dessa forma, posso afirmar que precisamos estar abertos às mudanças, dispostos a renovar as estratégias de ensino, a proporcionar condições de leitura com diferentes linguagens aos alunos e a autoavaliar nossas ações colocando-se no lugar do outro. Para atuar nessa sociedade tecnologicamente desenvolvida, o profissional da educação deve buscar conhecimentos e didáticas em todas as áreas de aprendizagens, inclusive nas Artes, na realidade do educando, nos acontecimentos do cotidiano e do mundo, nos temas transversais, entre outros. Precisamos nos posicionar criticamente diante da avalanche de informações, mas principalmente, saber ouvir e se comunicar com os alunos através de palavras, sensações, sentimentos, preferências e olhares que nos distingue um dos outros e ao mesmo tempo nos aproximam. 

REFERÊNCIAS

LEITE, Edson; MARQUES, Jane. Recursos Culturais no Turismo: Identidade, Sociedade e Gestão Pública. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008.

MORAN, J. M., “O vídeo na sala de aula”. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9, No. 5, October (2001a). Disponível em: . Acesso em 6 de Outubro de 2016.

TOMAZ,V.S.; DAVID, M.M. Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

¹ Curso Normal – curso para a formação de professores habilitados a lecionar no ensino fundamental e nas didáticas do ensino médio.

² Suzana Herculano é neurocientista e trabalha no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).